

Povos Indígenas no Brasil

Fonte B Crítica

Class.: 26

Data 19 de abril de 1992

Pg.:

“El Niño” pode parar Balbina

Ana Célia Ossame

A redução em 30 a 35% do volume de chuvas na região localizada à margem esquerda dos rios Amazonas-Solimões no período que compreende os meses de setembro de 91 a maio de 92, foi resultado do fenômeno chamado “El Niño” que quase provocou colapso nas usinas hidrelétricas, especialmente Balbina, localizada na área de interferência do fenômeno, com redução de 1/3 de seu potencial. “Manaus só não sofreu um colapso com falta de energia, porque o Distrito Industrial está com suas atividades reduzidas”, afirmou ontem no Seminário do Inpa, o pesquisador da Unitrop e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais-Inpe, Luís Carlos Molion, que vai continuar a observar os efeitos causados pelo “El Niño”. A constatação de Molion traz de volta a discussão sobre a viabilidade da Hidrelétrica de Balbina “que sob vários aspectos, foi um erro”, segundo o pesquisador.

O fenômeno “El Niño” - que é o aquecimento das águas do Oceano Pacífico equatorial, interagindo na atmosfera e mudando o clima na Amazônia, é esporádico, segundo explicações de Luís Carlos Molion mas a localização da Usina Hidrelétrica de Balbina, na sua área de ação pode provocar uma redução drástica da produção de energia elétrica, cada vez que ele acontecer de forma intensa. Segundo o pesquisador, nesses últimos oito meses, tem sido verificada a irregularidade das chuvas, o que reforça a necessidade de um zoneamento ecológico e econômico que inclua o clima, dada a sua diversidade e interferência nas atividades humanas da região. “A redução de 30 a 35% do volume de chuvas na região localizada à esquerda do rio Amazonas e Solimões, para o lado Norte, provocou a redução da vazão das afluentes do rio Negro e Branco, como o Uatumã e Trombetas e isso prejudicou a produção de Balbina”, observa Molion, ao lembrar que o fenômeno é ainda bastante desconhecido. Os relatórios que dão conta de sua existência datam de até 400 anos. “A observação do fenômeno que é feita no Centro de Climatologia em Washington e há evidências de que este pode acontecer a cada sete ou oito anos”, explica o pesquisador do Inpe, para advertir no entanto, que o desenvolvimento não existe sem

energia e que esta não pode estar a mercê de “caprichos do clima”.

Lembrando que em 1982, o “El Niño” provocou os mesmos problemas e que em janeiro deste ano o governo de Roraima decretou estado de calamidade pública, com a seca do rio Branco, o cientista também diz que a Usina de Cachoeira-Porteira terá seu potencial de geração de energia reduzido em 25 a 30% por causa do “El Niño”. É preciso que haja estudos urgentes de fontes de energia alternativos, assegura Molion, que nem citou os

efeitos para a flora e fauna, também intensos. A existência e conhecimento do fenômeno, segundo observa o pesquisador do Inpe, deveria ter provocado uma discussão sobre a instalação das Usinas fora de sua área de ação. “O caso de Balbina é mais sério, porque os seus benefícios sociais são muito grandes” exemplifica ele com dados estatísticos. Balbina deixa de gastar US\$ 600 por hectare-ano e a atmosfera fica livre de 50 toneladas de carbono-hora, que seriam emitidas com a utilização de petróleo na geração de energia. Faltou, de acordo com suas observações, estudos cuidadosos para evitar que as hidrelétricas ficassem sob as influências climáticas provocadas por fenômenos como esse. Afirmando que a energia hidrelétrica ainda é a fonte mais segura, mais limpa e mais ecológica, Luís Carlos Molion entende que a implantação de novas usinas devem ser feitas depois de estudos das condições topográficas. Em geral, os rios da margem direita como Tapajós e Xingu são rios com potencial hidrelétrico, complementa ele ao afirmar que o importante é que a relação do KW gerado por área alagada seja a maior possível. “Balbina tem por KW gerado hum hectare de lago e a usina de Tucuruí tem 32 KW por hectare de lago o que comprova que os rios da margem direita têm melhores condições topográficas e mais água disponível”.

“O verão amazônico também deve ser mais quente, segundo o pesquisador, que promete continuar o acompanhamento dos relatórios de Washington. Para Molion, no entanto, o conhecimento dos fenômenos naturais é essencial e fundamental para os projetos de desenvolvimento da Amazônia, pois problemas como esse seriam evitados.